

Métodos de projeto em Design de interiores nas IES brasileiras: uma abordagem a partir da fenomenologia do lugar.

Methods in Brazilian Interior design IES: a place phenomenology approach.

OLIVEIRA, Gilberto Rangel de; D.Sc; EBA-UFRJ
gilbertorangel@eba.ufrj.br

HERMIDA, Stella; D.Sc.; EBA-UFRJ
stella.hermida@eba.ufrj.br

Durante o período de isolamento social em 2021, por conta da pandemia causada pelo vírus da Covid-19, realizou-se uma pesquisa de forma remota sobre o ensino de projeto e os métodos utilizados em todos os cursos de nível bacharelado de Design de interiores junto as Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras de natureza pública ou privada. O objetivo central da pesquisa era mapear e identificar métodos de ensino de projeto a fim de confrontá-los posteriormente com o aporte teórico fundamentado nas relações entre o Design de interiores e a Fenomenologia do lugar proposta por Noberg-Schulz (2013). A partir das relações interdisciplinares entre o Design, Design de interiores e a Fenomenologia do lugar compreendemos como as instituições de ensino aplicam seus esforços no sentido de analisar o território, a função e o usuário frente aos métodos empregados e as linguagens estabelecidas de projeto.

Palavras-chave: Métodos de design; Design de Interiores; ensino em design.

During the social isolation period in 2021, due to the Covid-19 virus pandemic, distance research was carried out on design and the methods used in all public or private nature Interior Design Brazilian Higher Education Institutions Bachelor's Degree courses. The main research objective was to map and identify project teaching methods in order to confront them later with the research theoretical support based on the relationship between Interior Design and the Place Phenomenology proposed by Noberg-Schulz (2013). From the interdisciplinary relationships between Design, Interior Design and the Phenomenology of place, we understand how educational institutions apply their efforts in order to analyze the territory, the function and the user in the face of the methods used and the established design languages.

Keywords: Design methods; Interior design; design teaching.

1 Introdução

No processo de elaboração de projeto em Design de Interiores aspectos como compreensão do território, da função e do usuário são valiosos, no sentido de fornecer ao projetista subsídios necessários para criação de espaços que traduzam o clima e a identidade do demandador. O ofício de Design de Interiores dedica-se à “criação de interfaces entre as pessoas e as edificações que elas usam”, o que invariavelmente exige do profissional que considere uma série de questões, desde as mais gerais até os detalhes mais específicos (HIGGINS, 2015 p. 6). Considerando-se que “a percepção e a cognição humanas são fundamentais no processo de formação da imagem que os indivíduos têm dos lugares, não há dúvidas de que tudo o que cerca o ser humano participa de sua noção de lugar.” (Moraes, 2004, p 69). A partir desses enunciados os autores deste trabalho interessaram-se por compreender sobre quais influências o campo interdisciplinar do Design exerce nos cursos de Interiores¹ e de que forma as instituições de ensino aplicam seus esforços no sentido de compreender o território, a função e o usuário frente à demanda das necessidades dos projetos. Para tanto, realizou-se a pesquisa intitulada *Estudo dos Métodos de projeto em Design de Interiores*, que investigou o processo de ensino nas disciplinas de projeto dos cursos nível bacharelado das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, modalidade presencial de natureza pública e privada. O presente artigo trará ao leitor parte dos resultados encontrados da pesquisa e alguns esclarecimentos sobre métodos e linguagem do projeto em Design de Interiores, além de apontar de que forma os cursos inqueridos têm tratado essas questões sob a abordagem da Fenomenologia do lugar.

2 Método de Projeto em Design de interiores

Os estudos sobre métodos para o desenvolvimento de projetos em Design de Interiores apoiam-se, de forma recorrente, em autores do campo do Design. Considerando-se a afinidade teórica entre as profissões (Design e Design de Interiores) por si só, este aspecto já seria justificativa para utilizar-se dos argumentos desses estudiosos, mas isto não é por acaso. O caráter sistêmico que o Design possui, no sentido de buscar soluções para nosso mundo complexo, talvez seja um dos aspectos mais importantes a ser destacado. Poucas áreas estão habituadas a considerar os desafios de um projeto de forma tão integrada e comunicante. Vejamos as reflexões de Cardoso (2012, p. 243) sobre o assunto:

O procedimento metodológico básico em qualquer atividade científica é recortar e fracionar o problema para constituir uma situação experimental passível de averiguação. Esse método funciona extremamente bem para uma série de análises, mas é de pouca valia para lidar com a elaboração de grandes sistemas complexos, sua manutenção e planejamento. [...] Assim como outras áreas projetuais – em especial a engenharia e a arquitetura – o design parte de uma abordagem bem diferente. Em vez de fracionar o problema para reduzir as variáveis, o designer visa gerar alternativas, cada uma das quais tende a ser única e totalizante. Sua meta é viabilizar uma solução, e não garantir a reprodutibilidade do experimento – construção e não desconstrução, “factibilidade” e não

¹A profissão Design de Interiores, reconhecida em todo território nacional, designa “o profissional que planeja e projeta espaços internos, visando o conforto, à estética, à saúde, e à segurança dos usuários, respeitadas as atribuições privativas de outras profissões regulamentadas em lei”. Esse termo é o usual na academia e no mercado, podendo ainda ser identificado também como “Decoração”, “Design de Ambientes” e ainda, simplesmente “Interiores” (BRASIL, 2016).

“falseabilidade”, partidos e funções em vez de conjecturas e refutações. (CARDOSO, 2012, p. 243-244).

O Design, por haver maior aproximação do campo das engenharias (especialmente na década de sessenta e setenta), desponta na frente com larga trajetória sobre os estudos dos métodos. Já nos anos noventa, Buchanan (1995) defendia que o modo de intervir e de pensar sobre a realidade, através do design, ultrapassa os limites clássicos delimitados para a profissão. Essa afirmativa, levantada pelo autor, demonstra o impacto da atividade de design na vida contemporânea. O autor explica que o Design deve ser reconhecido como uma "nova arte liberal de cultura tecnológica, preocupado com a concepção e planejamento de todas as instâncias do mundo artificial, feitos pelo homem: signos e imagens, objetos físicos, atividades e serviços, sistemas ou ambientes"². (BUCHANAN, 1995, p. 3)

Os métodos de projeto em Design, para alguns autores, têm influenciado fortemente a maneira de desenvolver e aprimorar o projeto de Design de interiores, considerando-se especialmente a etapa de planejamento. Santos (2020, p. 128), aponta que a produção metodológica contemporânea de alguns autores do campo do Design, que se afastaram das “influências do contexto moderno, que compreendem o homem e seu trabalho, pelo prisma homem-máquina”, tentam atualizar, criticar e sugerir novas abordagens metodológicas em Design. “No entanto, ainda resta uma extensa lacuna teórica, nas práticas projetuais de determinados campos do design, em específico ao qual se dedica esta produção, referente ao design de ambientes.”

As reflexões expostas neste artigo contribuem significativamente como justificativas para o contínuo estudo dos métodos empregados no “fazer design”, a partir da própria expansão do campo e o incremento das complexidades de nossa sociedade. Nesse sentido, pretendemos compreender os métodos de projeto em Design e as práticas projetuais no ensino do campo de Design de interiores. Entendemos que a interdisciplinaridade do Design capaz de “lidar com a elaboração de grandes sistemas complexos, sua manutenção e planejamento” (CARDOSO, 2012) pode ser aplicada ao Design de interiores quando relacionada, por exemplo, com as reflexões a cerca do ambiente levantadas pela Fenomenologia do lugar– base teórica da pesquisa ora apresentada.

3 Território, função e usuário– correlações entre a fenomenologia do lugar e os aspectos comunicativos do produto de Design de interiores

O Design se ocupa do espaço? Para responder a essa questão, propomos uma abordagem do espaço, ambiente interno construído, relacionada com o fator comunicativo do produto de Design e suas significações. Para tanto, entendemos o produto de design por Niemeyer (2007, p.18) onde “(...) o produto, além das funções prática, estética e de uso, tem a função significativa. O produto difunde valores e características culturais no âmbito que atinge – nesse sentido, acreditamos ser essa uma discussão própria do campo de conhecimento do Design de interiores.

²Assunto debatido e publicado em: DE OLIVEIRA, Gilberto Rangel; MONT’ALVÃO, Claudia. MÉTODOS DE PROJETO DE INTERIORES NO BRASIL. Ergodesign&HCI, [S.l.], v. 6, n. Especial, p. 29 - 43, jun. 2018. ISSN 2317-8876. Disponível em: <<http://periodicos.puc-rio.br/index.php/revistaergodesign-hci/article/view/526>>. Acesso em: 20 jan. 2022

Correlacionaremos a partir de então, o produto de design com a fenomenologia do ambiente cotidiano proposta por Noberg-Schulz (2013) em artigo intitulado *O fenômeno do lugar*.³ Nosso objetivo, conseqüentemente, é relacionar o produto de Design com “lugares” especificando-o, portanto, como objeto de estudo do Design de interiores. No entanto, cabe ressaltar que para essa condição o produto de design – o ambiente interno construído como fenômeno qualitativo é inerente à possibilidade de inserção do indivíduo em seu interior, pois afinal a sua “função de uso” (Niemeyer, 2007, p.18) está condicionada a isso. A partir dessa condição os aspectos comunicativos do produto de Design de interiores seriam lidos, compreendidos pelos indivíduos que adentram o ambiente interno construído e o vivenciam (HERMIDA, 2010). Mas afinal como planejar os aspectos comunicativos do produto Design de interiores – o ambiente interno construído? A partir de quais fatores seriam coletados os aspectos culturais, subjetivos que compõem identidades, valores a serem comunicados por meio dele? Afinal, o que são lugares? Como lugares dialogam com o produto de design e conseqüentemente com o campo do Design de interiores? São perguntas que nos ajudaram a formatar a base teórica da nossa pesquisa ora apresentada. Compreenderemos então, o território a função e o usuário nas suas correlações entre a fenomenologia do lugar e os aspectos comunicativos do produto de Design de interiores.

Iniciaremos pela definição de caráter proposta por Noberg-Schulz (2013). O “caráter” do lugar, segundo o autor, é determinado por “como as coisas são”. “O caráter é determinado pela constituição material e formal do lugar”. “O caráter é indicado por adjetivos (...). Um caráter é uma totalidade complexa, e um adjetivo sozinho não pode dar conta de mais de um aspecto dessa totalidade”.

Isso posto, torna-se evidente a constituição da linguagem do lugar em que a atmosfera, a ambiência, é determinada por qualidades, múltiplos adjetivos. No entanto, a definição de caráter aqui presente não contempla a inserção do indivíduo no ambiente interno construído, evidenciando até aqui as possibilidades de comunicação que o produto de design de interiores possa vir a ter.

Ao se referir ao habitar, o autor ilumina a relação do caráter com a identidade do indivíduo, logo as relações entre homem e lugar. “Quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e exposto um determinado caráter ambiental. Denominarei ‘orientação’ e ‘identificação’ as duas funções psicológicas implicados nessa condição. Para conquistar uma base de apoio existencial o homem deve ser capaz de orientar-se, de saber onde está. Mas ele também tem de identificar-se com o ambiente, isto é, tem que saber como está em determinado lugar.” “É possível sentir-se ‘em casa’ sem conhecer a fundo a estrutura espacial do lugar” (NOBERG-SCHULZ, 2013, p.455).

O que Noberg-Schulz esclarece aqui é a questão do pertencimento a lugares por indivíduos, essa relação intrínseca do produto de Design de interiores, já que o indivíduo, ao adentrar um espaço arquitetônico e apropriar-se dele, o transpõe à condição de seu “lugar na terra”, seu lar. “O lar é a habitação individualizada, uma expressão da personalidade e dos modos de vida. Esta personalização tão sutil parece excluída do domínio da nossa noção de arquitetura. O lar é uma condição complexa e difusa, que integra memórias, imagens, desejos, temores, passado e presente; comportando um conjunto de rituais, ritmos pessoais e rotinas quotidianas, que constitui o reflexo do habitante, dos seus sonhos, esperanças, dramas e da sua própria memória.” (GALFETTI, 1999, p.7).

³São desse texto todas as citações de Noberg-Schulz, e como estaremos a ele nos referindo com frequência, especificamente com relação a esse autor, as chamadas à referência constarão apenas do sobrenome do autor e página do trecho citado.

Dessa forma, “o ambiente é vivido como portador de um significado” (Noberg-Schulz, 2013, p.455). Esse significado é sua própria identidade, que pode ser de uma pessoa, uma instituição ou uma marca. Noberg-Schulz (2013) conclui, portanto, que “nós entendemos que a identidade das pessoas é, em boa medida, uma função dos lugares e das coisas. [...] Por isso, é importante não só que nossa ambiência possua uma estrutura espacial que facilite a orientação, mas também que esta seja constituída de objetos concretos de identificação. A identidade humana pressupõe a identidade do lugar”. Evidenciamos então, os aspectos culturais, subjetivos relacionados aos indivíduos na sua relação com o produto de Design de interiores– o ambiente interno construído.

Seria por meio das qualidades ambientais que identidades são traduzidas para os lugares. As qualidades (totalidade complexa de adjetivos) são, nesse contexto, interpretações dos designers a respeito de identidades, já que partem da relação com “o outro”. Ao planejar os aspectos qualitativos do ambiente/produto de design, planejamos em si a linguagem que nele será empregada. E, “quando dizemos linguagem, queremos nos referir a uma gama incrivelmente intrincada de formas sociais de comunicação e de significação que inclui a linguagem verbal, articulada, mas absorve também (...) todos os sistemas de produção de sentido aos quais o desenvolvimento dos meios de reprodução de linguagem propiciam hoje uma enorme difusão” (Santaella, 2012a). “A linguagem é a base de toda e qualquer forma de comunicação” (Niemeyer,2007).

Noberg-Schulz (2013, p.445) acrescenta que o aspecto qualitativo do lugar também está presente na sua funcionalidade. “Funções ‘similares’, mesmo as mais básicas, como dormir e comer, se dão de diferentes maneiras e requerem lugares que possuem propriedades diversas, de acordo com as diferentes tradições culturais e as diferentes condições ambientais.” Dessa forma, o dimensionamento do espaço arquitetônico e a distribuição espacial de equipamentos e mobiliários tornam-se também elementos qualitativos do lugar, capazes de imprimir sua identidade particular.

O Território por sua vez, também contribui para definição do caráter identitário do ambiente interno construído, pois também, “difunde valores e características culturais” (NIEMEYER, 2007). Para Moraes (2004, p. 78 *apud* Santos) “a configuração dos territórios é periódica, dependendo do contexto histórico”. O mesmo autor completa seu pensamento explicando que território “é mais que um conjunto de objetos mediante nos quais trabalhamos, circulamos, moramos, mas também um dado simbólico”. Moraes (2004) completa seu raciocínio, explicando que conforme Siegfried Lenz diz, território “é o lugar onde temos as nossas raízes, onde possuímos nossa casa, falamos nossa linguagem, pulsamos nossos sentimentos mesmo quando ficamos em silêncio. É o lugar onde sempre somos reconhecidos.”

Quando Noberg-Schulz coloca que “a relação interior-exterior é um aspecto principal do espaço concreto” entendemos que num *lugar* as envasaduras de uma fachada – uma vitrine ou uma janela, por exemplo– são ‘aberturas’ que possibilitam “sentir o interior como complemento do exterior”. Não só as envasaduras, entretanto, proporcionam essa relação. As outras edificações comerciais e residenciais, os serviços circundantes oferecidos (cabeleireiros, escolas, teatros, centros culturais, cinemas, restaurantes etc.), o espaço público no entorno imediato, a prestação de serviços urbanos de transporte, a arborização urbana, a iluminação urbana, o indivíduo que os habita ou frequenta, todos esses fenômenos concretos participam da constituição do lugar (HERMIDA, 2010), por serem aspectos qualitativos do território, o lado de fora. Assim sendo, compreendemos a colocação de Heidegger (Noberg-Schulz, p.450) de que “os espaços recebem sua essência dos lugares e não do espaço”. Sendo assim, lugares como produtos do Design de interiores recebem sua essência também de sua inserção urbana – o lado de fora, “o lugar natural” que, segundo o autor, compreende tanto elementos

naturais quanto os fabricados pelo homem. Tratamos aqui, dessa relação interior/exterior, do território onde está inserido o produto de Design de interiores. Concluímos que ele contribui tanto nos aspectos culturais, subjetivos quanto nos aspectos técnicos relacionados ao conforto ambiental que constituem esse lugar específico– o contexto de lugares.

Portanto, podemos concluir que o Design de Interiores constitui lugares individualizados, específicos de um contexto, função e de um determinado indivíduo. Esses lugares como produto de Design, comunicam identidades por meio da ambiência planejada ainda na fase de projeto (HERMIDA, 2010) – o planejamento da sua função significativa. Mas além de comunicar identidades, quando o homem habita, está simultaneamente localizado no espaço e expõe um determinado caráter ambiental. Esse caráter ambiental é constituído pelos símbolos fixados pelo indivíduo no ambiente interno construído (lugar individualizado), mas também da relação desse ambiente interno com lugares que o circundam. A fixação de símbolos também está relacionada com a função a que se destina o projeto, sendo o aspecto qualitativo de atividades a serem desempenhadas nesse lugar individualizado necessário de ser levado em consideração.

Dessa forma, um método de Design de Interiores que contemple o território (onde se insere o projeto), sua função (a que se destina o projeto) e o indivíduo, usuário (a quem se destina o projeto) torna-se relevante.

3.1 Um percurso metodológico de projeto em Design de interiores.

No ambiente de ensino, a partir da coleta de dados perante essas três esferas (o território, a função e o usuário), ou seja, a partir de um período de imersão na problemática de projeto, os futuros projetistas devem proceder com análises dos dados coletados para posteriormente propor ações de projeto e um conceito a ser nele implementado. O conceito, portanto, constitui a síntese de tudo que foi pesquisado pelo estudante e elaborado diante da problemática de projeto apresentada pelo professor da disciplina.

Em sequência o estudante desenvolve o partido, visando determinar a linguagem do projeto a ser executado estabelecendo assim, a ambiência almejada ao espaço arquitetônico tornando-o um ambiente interno construído. É nesse momento que ferramentas metodológicas visuais auxiliam a materializar os aspectos culturais, subjetivos, do projeto de Design de Interiores.

Gibbs (2017 p. 64 a 66), por exemplo, propõe painéis conceituais para auxiliar os designers de interiores neste processo de materialização do conceito em forma de um partido, ou seja, no estabelecimento da linguagem de projeto. Ela sugere a coleta de imagens por meio de uma grande variedade de fontes que não estejam relacionadas com ambientes de Design de interiores, mas que possam ser coletados em fotografias de ambientes naturais, detalhes de texturas, na arquitetura, na moda ou na culinária, por exemplo. Segundo a autora “encontrar inspiração em algo que não seja uma revista de Design de Interiores tem a vantagem de forçar o designer a ampliar a sua imaginação”.

A partir dos painéis conceituais propostos por GIBBS (2017) relacionados com a definição de “caráter” e de habitar elucidados por Noberg-Schulz é possível desenvolver as etapas de materialização do conceito do projeto em um partido. Conforme será descrito mais adiante na pesquisa realizada e na própria prática docente vivenciada pelos autores, onde explica-se como ocorre o percurso de “tradução” de uma ideia abstrata em uma representação gráfica formal.

Inicialmente traduz-se o conceito em adjetivos (qualidades) que constituirão a ambiência, a atmosfera do ambiente interno construído a ser projetado. Posteriormente, confecciona-se o painel formado por imagens conceituais relacionadas com cada adjetivo, cada “caráter”. A

partir de análises do painel conceitual já pronto, estabelece-se as expressões cromáticas e formais além da determinação de tipos de textura, de iluminação, de adensamento de layout, de tipo de mobiliário e acessórios gerando diretrizes para a escolha efetiva dos elementos que estabelecerão a linguagem do projeto.

Desta forma, acredita-se que a linguagem de projeto não está estritamente restrita a um estilo já convencionalizado socialmente, mas sim, à interpretação do designer diante de um cenário específico, único, complexo, que envolve a análise do território (onde o projeto se insere), sua função (a que se destina o projeto) e o usuário (a quem se destina o projeto) interpretando suas necessidades e modo de vida.

Acreditamos ser essencial a utilização de métodos de projeto que estimulem o aluno à sua criatividade no estabelecimento da linguagem de projeto. Posto isso, a fenomenologia e a semiótica por meio de suas ferramentas e metodologias podem auxiliar não somente na análise dos lugares já existentes, mas na concepção dos lugares individualizados; por meio dos adjetivos, do “caráter”, a identidade do indivíduo é empregada no lugar. Na materialização das “essências” dos lugares a utilização de ferramentas metodológicas visuais se faz necessária.

Acreditamos que a correlação entre os aspectos significativos do produto de Design com a fenomenologia do lugar proposta por Noberg-Schulz pode auxiliar na elucidação de especificidades próprias do campo do Design de Interiores no âmbito do estabelecimento da linguagem a ser utilizada no projeto, na geração da atmosfera, a ambiência do ambiente interno construído e no estabelecimento de um método próprio.

A partir dos lugares individualizados (o produto de Design de Interiores) verificaremos por meio dos resultados da pesquisa sobre métodos de projeto empregados nos cursos de Interiores das IES brasileiras, quais são os métodos e ferramentas utilizadas para a constituição de projetos. Também será possível averiguar se os métodos empregados por essas instituições se apropriam de ferramentas visuais na tradução de um conceito de projeto para o estabelecimento de um partido assim como se atuam nas três esferas mencionadas: o território, a função e o usuário.

4 Panorama dos Métodos aplicados em Design de interiores nas IES brasileiras

O Design de Interiores foi institucionalizado no Brasil com o surgimento do IADÊ – Instituto de Artes e Decoração em 1959, sendo a primeira escola a ministrar o curso de decoração (termo recorrente da época) na modalidade técnico, na cidade de São Paulo. A proposta do Instituto era “propor uma escola que desse ao aluno não apenas uma formação técnica, mas também um embasamento cultural, (Ítalo Bianchi) criou o curso nos moldes do que foi a Bauhaus e o sucesso foi imediato.”⁴ Vale destacar ainda o surgimento de outro curso precursor, o de Artes Decorativas na Escola de Belas Artes da UFRJ, por volta de 1948, o qual mais tarde desdobrou-se em Composição de Interior, que obteve a sua oficialização em 1971. Recentemente, em 2021, esse mesmo curso passou a adotar a nomenclatura Design de Interiores. Desde as épocas mais remotas o ensino e a prática estiveram sob a influência das principais escolas – especialmente do Design e dos movimentos artísticos e culturais. Embora a história do ensino e prática do ofício de Design de Interiores, vá para além de meio século, publicações sobre o tema sobre práticas metodológicas empregadas no ensino de projeto ainda são escassas.

A pesquisa que embasa o artigo ora proposto teve como objeto de estudo os métodos de projeto junto às disciplinas de projeto dos cursos de Design de Interiores empregados pelos docentes das Instituições de Ensino Superior (IES), de natureza pública ou privada, ativas,

⁴Nota dos autores: Depoimento concedido por Maria Izabel Souza Franco.

modalidade presencial, conforme cadastro nacional do portal e-MEC. Trata-se de um estudo amplo sobre o assunto, o qual será apresentado ao leitor o segmento da investigação mais conectado com o recorte deste artigo.

A investigação revelou que atualmente há sete cursos nível bacharelado em Design de interiores⁵ com situação ativa no Brasil, sendo cinco de natureza pública e duas de natureza privada. Os cursos do tipo tecnólogo em Design de Interiores, em situação ativa, somam 214 ofertas, sendo oito de natureza pública e 206 de natureza privada, conforme levantamento realizado em fevereiro de 2022, junto ao mesmo portal. Os números apresentados demonstram a pungência de uma atividade profissional em processo de consolidação, cada vez mais presente na sociedade.

Considerando-se o reduzido número de cursos do tipo bacharelado, a pesquisa foi realizada com a totalidade da população-alvo. Planejou-se cuidadosamente o percurso metodológico da pesquisa descritiva, através de uma abordagem narrativa, estruturando o trabalho em quatro etapas: Planejamento das estratégias de inquirição; Inquirição junto à população-alvo; Tabulação dos dados e resultados; Análise dos resultados; Confrontar os resultados obtidos com a base teórica da pesquisa.

4.1 Inquirição junto as Instituições

Conforme levantamento previamente realizado, a inquirição foi realizada em todos os sete cursos de bacharelado em Design de Interiores em atividade, descritos no portal e-MEC, a saber: Design de Ambientes, da Universidade Federal de Goiás (UFG); Design de Ambientes, da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG); Design de Interiores, do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo (FEBASP); Design de Interiores, do Centro Universitário EspíritoSA (FAESA); Decoração, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Design, anteriormente Design de Interiores e Decoração, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e Composição de Interior – recentemente alterado para Design de Interiores, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes (EBA/UFRJ). O curso Design de Interiores da Faculdade Unisul, de Florianópolis, foi lançado no portal recentemente, mas as atividades ainda não foram iniciadas. Os demais cursos que aparecem no portal e-MEC estão em extinção, foram extintos ou, ainda, mudaram para o grau tecnológico.

Para a realização do mapeamento e a identificação do ensino do método projetual foram convidados dois professores de cada curso, conforme indicação da coordenação e/ou departamento, para que respondesse ao questionário. O critério fundamental exigido era que o docente sinalizasse expertise junto às disciplinas de projeto em Design de Interiores e tivesse conhecimento geral do curso. Antes de responder à pesquisa, enviada de forma eletrônica através da plataforma *Google Education - Google Forms*, os inquiridos foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual deveriam ler e dar ciência. O documento tratou de cuidados éticos, tais como: informou aos participantes que sua participação seria voluntária, sendo de livre espontânea vontade sua colaboração com a pesquisa; os dados obtidos serão analisados e utilizados unicamente para elaboração da pesquisa e seus futuros desdobramentos, havendo a possibilidade de publicação na forma de artigo científico em congressos e/ou periódicos de cunho acadêmico, sem qualquer tipo de exposição pessoal dos participantes.

4.2 Tabulação dos dados e resultados encontrados

⁵Alguns cursos cadastrados no portal e-mec possuem nomenclaturas diferentes: Decoração (UFBA), Design de Ambiente (UEMG e UFG), Design (UFU), anteriormente Design de Interiores, Decoração e Composição de Interior (UFRJ). Os demais cursos utilizam a nomenclatura Design de Interiores.

O questionário foi dividido em três partes: (1) Dados do respondente e instituição; (2) sobre a disciplina de projeto em interiores; (3) métodos empregados nas disciplinas de projeto em interiores.

4.3 Dados dos respondentes e instituições

Dados dos respondentes e instituições Cada curso inquirido apontou dois respondentes por instituição. Desta forma, a partir das sete instituições inquiridas, houve quatorze respondentes. Esse número variou em função das questões de resposta obrigatória. O perfil dos respondentes é composto por: quatro com formação acadêmica em Decoração e outros quatro com formação em Design de Interiores. Três dos respondentes possuem formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo e outros três em outras graduações. Quase todos os inquiridos possuem nível de formação com doutorado em áreas afins. Além disso, verificou-se uma larga experiência em docência do público investigado: seis dos profissionais atuam em sala de aula há mais de 24 anos; outros quatro têm entre 12 e 17 anos; e outros quatro profissionais entre 6 e 11 anos.

A pesquisa identificou que, dos cursos investigados, dois foram criados na década de 1970, quatro na década de 1990 e um nos anos 2000. Os cursos apresentam carga horária total que varia entre 2.670 e 3.396 horas, distribuídas em oito semestres. Todos exigem trabalho de conclusão de curso com avaliação final por meio de constituição de uma banca examinadora.

4.4 Sobre a disciplina de projeto em Interiores - programas e metodologia de projeto

O número de disciplinas específicas de projeto varia em número de ofertas durante o andamento dos cursos, no mínimo quatro ofertas e no máximo nove – prevalecendo o número de seis disciplinas apontadas pela maioria dos professores dos cursos de graduação investigados. Sobre os temas tratados nos programas de projeto (tema fictício ou real no qual o estudante se baseia para desenvolver o planejamento e o projeto propriamente dito), a totalidade dos respondentes apontou o tema residencial (permanente) e comercial (lojas e serviços) como assuntos recorrentes nas disciplinas de projeto. O tema residencial temporário (hotéis, pousadas, hostels etc.), institucional (prédios públicos, museus etc.), educacional (escolas, creches etc.) e casas de saúde (hospitais, maternidades, casa de repouso etc.) foram apontados por metade dos respondentes. Sobre como são definidos os programas de projeto, majoritariamente, doze docentes apontaram que a cada semestre, na instituição onde lecionam, o professor elabora um novo programa de projeto; apenas uma instituição revelou que existem programas prontos no curso e o professor escolhe de maneira aleatória.

Quando inquiridos sobre a existência de uma metodologia projetual que costuma ser aplicada nas disciplinas de projeto do curso, cinco escolas informaram que sim, há uma metodologia projetual regular; dois cursos revelaram que não há uma metodologia estabelecida. Mais adiante, quando perguntados sobre de que forma a metodologia é aplicada, prevaleceu a informação de que embora exista, não é estabelecido um método único nas disciplinas de projeto, *o professor da disciplina define qual é o melhor método a utilizar para cada disciplina lecionada; contudo, três instituições informaram que há um método projetual único para todas as disciplinas, com algumas variações de acordo com o nível de complexidade do programa; e, por fim, outros dois cursos revelaram que há uma metodologia pré-estabelecida para as disciplinas de projeto durante o curso.* Investigou-se se o método projetual aplicado possuía algum nome específico, que costuma ser adotado no curso: a maioria das escolas declararam que não há um nome específico para o método aplicado. Curiosamente, uma instituição revelou, através dos seus docentes, que costumam utilizar o nome "*método do Bruno Munari* e

Dijon de Moraes"; outra instituição informou nomes mais genéricos, como: "Design e Metodologia - Fundamentos | Design e Metodologia Aplicada ao Projeto."

4.5 Métodos empregados nas disciplinas de projeto de Design de interiores

Para melhor compreensão sobre de que forma o método projetual costuma ser utilizado, perguntou-se, quais as principais etapas na metodologia, usualmente aplicadas na disciplina de projeto. Nesta questão o respondente poderia marcar mais de uma alternativa. As etapas mais apontadas serão demonstradas nos seguintes grupos, por prioridade de escolha dos entrevistados: (1) pesquisa de equipamentos (mobiliários e acessórios), materiais; elaboração do projeto executivo; (2) análise do usuário; elaboração do *briefing*; elaboração do conceito de projeto; realização do estudo preliminar; elaboração do caderno de especificações; (3) análise dos aspectos culturais e/ou simbólicos do usuário; elaboração de um programa de necessidades. (4) análise do território e ambiente; análise dos aspectos culturais e/ou simbólicos do território; estudo de alternativas. Outras etapas foram timidamente apontadas: análise da função do território; definição do partido de projeto; elaboração de orçamento prévio; visita a espaços similares.

Ainda sobre o método de projeto aplicado nas disciplinas dos cursos, foi solicitado ao grupo de professores inquiridos que enumerassem em tópicos a sequência de fases ou etapas do método de projeto usualmente aplicado no desenvolvimento projetual de Interiores. Esta pergunta do questionário foi também realizada de forma aberta e parte dos respondentes (não todos) responderam livremente à questão. Ver quadro Nº 01.

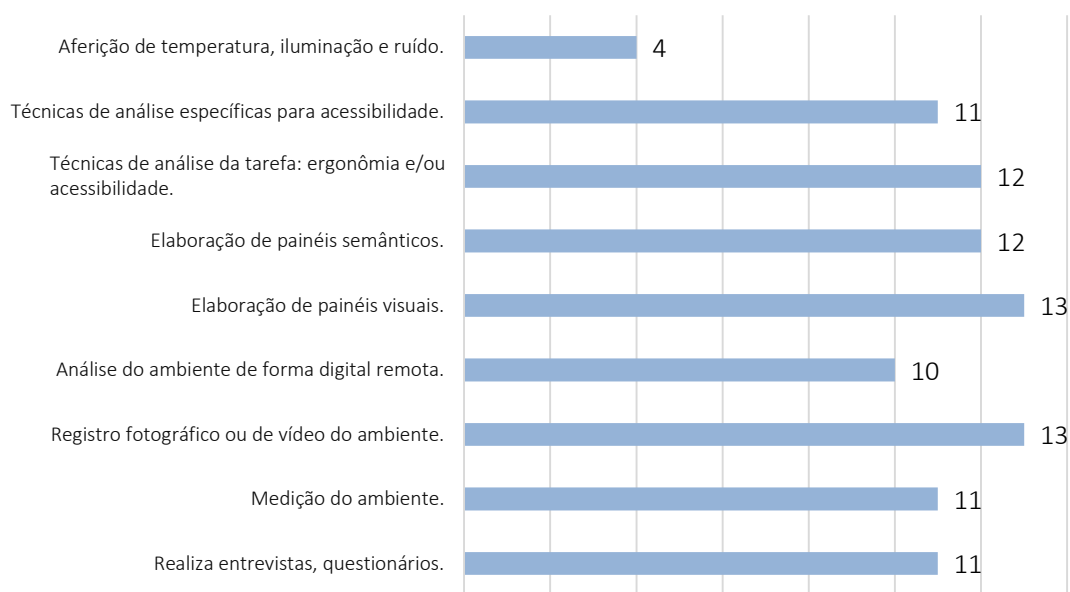
Quadro 1 – Sequência de fases do método de projeto usualmente aplicado nas disciplinas de projeto.

Sequência de fases ou etapas do método de projeto usualmente aplicado nas disciplinas de projeto			
Respondente 1	Respondente 2	Respondente3	Respondente4
1.Briefing	1.Briefing.	1.Estudo do território, da função e do usuário, através de análises e diagnoses que permitam o cruzamento de informações, a pesquisa em seus diferentes níveis, a inferência, a intuição, a retroalimentação e a indução à solução de problemas de projeto; esta etapa fundamenta o projeto.	1.Preconcepção
2.Conceito	2.Conceituação.	2. Elaboração do conceito e do partido.	2. Concepção
3.Partido	3.Mapeamento funcional.	3. Elaboração de estudo preliminar através de croquis à mão livre.	3. Pós-concepção.
4.Pré-projeto	4.Geração de alternativas.	4. Elaboração de projeto de apresentação.	
5.Projeto definitivo	5. Solução.	5. Elaboração de projeto executivo (períodos mais avançados)	
5.Projeto	6. Elaboração.	6. Elaboração de caderno de materiais, equipamentos e acessórios.	
		7. Elaboração de memorial descritivo/justificativo.	

Fonte: os autores

Os inquiridos foram também provocados sobre quais ferramentas ou técnicas costumam empregar durante o ensino das disciplinas de projeto em seus cursos. As respostas estão demonstradas no Gráfico 2.

Quadro 2 – Ferramentas ou técnicas mais empregadas durante o ensino das disciplinas de projeto.



■ Respondentes: pode ser marcada mais de uma opção.

Fonte: os autores

Os respondentes apontaram que o *registro de imagens do ambiente* e a *elaboração de painéis visuais* são as técnicas mais utilizadas, seguidas das *técnicas de análise da tarefa* e *estudo dos painéis semânticos*. Outros instrumentos foram pouco apontados pelos respondentes, tais como: *aferição por meio de instrumentos, dos níveis de iluminação, ruído e temperatura*. Para encerrar este tema, questionou-se aos inquiridos quais técnicas são utilizadas para transformar uma linguagem conceitual (início do projeto) em uma linguagem projetual (gráfica). As respostas estão organizadas no seguinte Quadro 3:

Quadro 3 – Técnicas utilizadas para transformar uma linguagem conceitual em linguagem gráfica.

Técnicas utilizadas para transformar uma linguagem conceitual em linguagem gráfica	
Respondente 1	<i>Estudos de similares e elaboração de painéis imagéticos.</i>
Respondente 2	<i>Diversas técnicas são utilizadas, entre elas: utilização de painéis imagético; lista de requisitos do projeto; mapa mental e mapa conceitual; diagrama de planejamento; caderno de inspiração; análise de similares; associação de ideias etc.</i>
Respondente 3	<i>Linguagem digital - Sketchup - Autocad - Revit (BIM) - Lumion e finaliza com Realidade Virtual.</i>
Respondente 4	<i>A definição dos parâmetros iniciais do projeto, partido linguagem (forma, cor, principais materiais) estudo de massas, estudo de fluxos.</i>
Respondente 5	<i>Estudar projetos mediante o redesenho ou modelos e analisar os conceitos inerentes propostos possibilita entender o processo criativo de outros profissionais e refletir sobre seu próprio processo. Selecionar determinadas condicionantes para</i>

	<i>melhor atender à solução para o problema apresentado, com apoio na multidisciplinaridade de conhecimentos necessários para a elaboração do projeto, síntese da reflexão e resposta ao problema apresentado.</i>
Respondente 6	<i>Brainstorming e painel semântico.</i>
Respondente 7	<i>Os alunos são estimulados a elaborar painéis visuais, mapas mentais e/ou realizar brainstorming e pesquisa blue sky. O professor apresenta estudos de caso de projetos com conceito para melhor entendimento dos alunos sobre como transformar a linguagem conceitual em linguagem projetual.</i>
Respondente 8	<i>Simples tradução de uma linguagem em outra, através da ampliação da compressão da linguagem visual e sua decupagem em aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.</i>

Fonte: os autores

Destaca-se o uso de técnicas que auxiliam os estudantes na elaboração da etapa criativa do projeto, como a elaboração de painéis visuais e semânticos. Estas técnicas costumam ser empregadas quando o estudante é convidado a elaborar a proposta gráfica conectada ao briefing e ao conceito de projeto. Conforme observado no quadro N° 03 acima. Conforme demonstrado, alguns cursos, no final do percurso do processo metodológico próprio, se apropriam de ferramentas metodológicas visuais para ensinar o estabelecimento da linguagem no projeto, conseqüentemente a ambiência que se almeja para ele.

5 Considerações finais

A pesquisa apresentada revela aspectos interessantes em relação aos métodos empregados nas disciplinas de projeto no ofício de “ensinar” Design de interiores. Vestígios da prática metodológica empregada pela precursora Bauhaus são identificados – reforçando os argumentos de Santos et al (2020, p. 27) quando aponta a aproximação da escola alemã, especialmente no período de Gropius (1919-1928) com as “práticas pedagógicas adotadas, onde, num primeiro momento, prezava por aspectos do ensino formal, quanto pelas experimentações práticas dos ateliês”. Identificou-se que as escolas aplicam algum método no desenvolvimento das disciplinas de projeto. Estes estão mais conectados aos métodos aplicados nos cursos de Design, reforçando a ideia de interdisciplinaridade do campo do Design e suas especificidades com o Design de Interiores.

Identificou-se também que poucas instituições, na fase preliminar de planejamento, aprofundam as investigações sob o território, com olhar atento sob o usuário e a função. Esse aspecto é demonstrado claramente somente no relato dos inquiridos demonstrado no quadro N° 01, quando o respondente três afirma: “*Estudo do território, da função e do usuário, através de análises e diagnoses*”. Consta-se que a maioria dos estabelecimentos, parecem não aprofundar as análises com o rigor necessário, sobre o território e a função, concentrando-se mais no usuário e dedicando maior parte do tempo à representação gráfica.

Em relação às técnicas empregadas, além das ações recorrentes de investigação do ambiente e do usuário, destaca-se o uso de técnicas que auxiliam os estudantes na elaboração da etapa criativa do projeto, como a elaboração de painéis visuais e semânticos. Estas técnicas costumam ser empregadas quando o estudante é convidado a elaborar a proposta gráfica conectada ao briefing e ao conceito de projeto.

Observa-se a ausência de sistematização de um modelo metodológico, a ser empregado ao longo do curso, considerando que os inquiridos revelaram, na sua maioria a diversidade de métodos aplicados em várias disciplinas de projetos, apontando escassez de coesão metodológica, este muita das vezes ficando a cargo do docente e seu repertório. Aponta-se a necessidade de maior aprofundamento sobre o desenvolvimento de propostas metodológicas

para o ensino do Design de Interiores, no sentido de fortalecer a qualidade da formação dos profissionais. Reforça-se também que iniciativas de pesquisa e publicação consistentes em Interiores, especialmente no que diz respeito à prática e à inovação, e ainda ao pensamento crítico sobre o ofício do ensinar Design de Interiores devem ser estimuladas. Integrar projeto e pesquisa são ações tão necessárias quanto urgentes.

6 Referências

BRASIL, 13369 – **Regulamentação da profissão**. São Paulo: Associação Brasileira de Designers de Interiores, [2016]. Acesso em: 11 de mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior Cadastro e-MEC**. 2022. Disponível em: [https:// emec.mec.gov. br/](https://emec.mec.gov.br/) . Acesso em 20 jan. 2022.

BUCHANAN, R. **Wicked Problems in Design Thinking**. In: Buchanan, Richard & Margolin Victor (orgs). The idea of design. A design issues reader. London: Cambridge, 1995, p. 3 -20.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

DANTAS, Cristina. **Brasil porta adentro: uma visão histórica do design de interiores**. São Paulo: C4, 2015. p. 182.

GALFETTI, Gustavo Gilli. **Minha casa, meu paraíso: a construção do universo doméstico ideal**. Lisboa: Editorial Blau.1999.

HERMIDA, Stella Spagolla. **O papel do design de interiores na comunicação de uma marca: o caso Melissa**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial, Rio de Janeiro. 2010.

HIGGINS, Ian. **Planejar espaços para o design de interiores**. Tradução Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gilli, 2015. Título original: Spatial strategies for interior design.

MORAES, A. de (org.) **Ergodesign do ambiente construído e habitado**. Rio de Janeiro: iUsEr, 2004

NOBERT-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). Tradução Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013, 664 p.

SANTOS, V. H. C. **Movimento pendular: uma possível abordagem metodológica para projetos em design de ambientes**. In: Encontros e conexões em Design de Interiores e Ambientes. Maria Hermida Oliveira Hernández (org.). Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, V. H. C.; HERNÁNDEZ, M. H. O. e SANTOS, E. S. **Ensino e prática do design de interiores: influências nacionais e internacionais**. In: Encontros e conexões em Design de Interiores e Ambientes. Maria Hermida Oliveira Hernández (org.). Salvador: EDUFBA, 2020.